

VIOLÊNCIA LGBTIFÓBICA, INIQUIDADES EM SAÚDE E CIDADANIA LGBTI+: UMA REVISÃO NA LITERATURA BRASILEIRA¹

Samuel Lacerda Chaves²
Marco José de Oliveira Duarte³

RESUMO

O presente texto trata-se de um estudo de revisão de literatura, sobre violência LGBTIfóbica, iniquidades em saúde e cidadania LGBTI+, a partir de artigos acadêmicos publicados em periódicos entre 2016 e 2022. O estudo tem por propósito investigar as várias formas de violência dirigidas à população LGBTI+, suas implicações sociais e subjetivas, bem como o papel das políticas públicas na coibição destas práticas. Utilizando do método da revisão integrativa de literatura, esta pesquisa seguiu seis etapas, incluindo a busca em bases de dados eletrônicas como LILACS, CAPES e SCIELO, com descritores como “Violência” e “LGBT”. A partir dessa filtragem foram aplicados critérios de inclusão e exclusão, resultando na seleção de 5 artigos para análise completa. Assim, na análise temática de conteúdo, foram comparados, relacionados e problematizados temas que conversavam entre os artigos, destaque para, dentre esses, as diferentes violências, as consequências sociais e psicológicas das violências, a institucionalização da violência LGBTIfóbica e as políticas públicas e a LGBTIfobia. A revisão buscou aprofundar a compreensão das manifestações da violência LGBTIfóbica no contexto brasileiro e a necessidade de políticas eficazes para proteger os direitos da população LGBTI+.

Palavras-chave: Violência LGBTIfóbica, Cidadania LGBTI+, Sexualidade, Gênero, Revisão Integrativa.

1 Artigo resultado de projeto de pesquisa, com bolsas financiadas pelo CNPq.

2 Graduando em Rádio, TV e Internet na Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Bolsista PIBIC/CNPq-AF e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero, Diversidade e Saúde: Políticas e Direitos (GEDIS/CNPq) da UFJF. samuellacerda12@gmail.com

3 Professor Adjunto da Faculdade de Serviço Social e do Corpo Permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pós-Doutorando em Psicologia Social na UERJ. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Gênero, Diversidade e Saúde: Políticas e Direitos (GEDIS/CNPq) da UFJF. Bolsista Produtividade/Pesquisador do CNPq, marco.duarte@ufjf.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar, a partir de um estudo de revisão, os artigos publicados em periódicos acadêmicos, no período compreendido entre 2016 e 2022, com foco nos temas da violência LGBTIfóbica, iniquidades em saúde e cidadania LGBTI+. A escolha desses temas é motivada pela necessidade de compreender as diferentes manifestações da violência direcionadas a população de LGBTI e suas consequências, no sentido de contribuir para as políticas públicas voltadas para esta população, no sentido de sua mitigação desse fenômeno na realidade brasileira.

A revisão integrativa de literatura é a abordagem metodológica adotada, permitindo uma compreensão abrangente e mais aprofundada do tema. Assim, neste estudo, serão abordadas as diferentes formas de violência LGBTIfóbica, suas manifestações em diferentes contextos sociais e as consequências para LGBTI+. Neste âmbito, propõe-se a tratar deste processo de institucionalização da violência, permeando diversos setores da sociedade, desde o familiar até o público, incluindo escolas, serviços de saúde e sistemas de justiça. Desta forma, propõe-se a contribuir com as políticas públicas de enfrentamento à LGBTIfobia, destacando a importância de uma abordagem integrada para combater esse problema endêmico.

METODOLOGIA

O revisão integrativa faz uma síntese dos estudos publicados sobre o assunto, possibilitando uma visão mais aprofundada e conclusiva acerca do tema (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), esta metodologia dispõe de seis etapas, sendo elas: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos / amostragem ou busca na literatura; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados / categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados; e apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Com o objetivo de pesquisar as publicações que constituíram a revisão integrativa deste estudo, foi realizado um levantamento online entre os meses de Maio e Junho de 2023, tomando as seguintes bases de dados eletrônicas: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), o portal CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online). Tomou-se, para seleção dos artigos, os seguintes

descritores: “Violência” e “LGBT”, como também foram utilizadas variantes da sigla como: “LGBTI”, “LGBTQIA+”, entre outras, mas que não obtivemos resultados. Para a seleção, ambos os descritores deveriam estar presentes no título do artigo e foram consideradas apenas publicações entre os anos de 2016 e 2022.

O ano de 2023 foi desconsiderado por ainda estarem sendo publicados periódicos referentes a esse ano durante a realização da pesquisa, assim como o ano de 2015, já que uma questão crucial para o estudo foi de investigar quais mudanças e impactos na literatura foram causados pela alteração da “Ficha de Notificação de Violência Interpessoal/Autoprovocada” do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Salientando que, a partir de 2014, o SINAN incorporou novos campos em seus registros, tais como, nome social, orientação sexual, identidade de gênero e motivação da violência LGBTIfóbica. Essas alterações ampliaram a visibilidade da violência sofrida pela população LGBTI+ e qualificaram a notificação de casos relacionados à LGBTIfobia, incorporando as violências por motivação LGBTIfóbica no Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) para dar visibilidade à violência sofrida pela população LGBTI+.

Durante as etapas iniciais de filtragem dos artigos, foram definidos, também, os critérios que iriam definir se o artigo era útil ou não para a pesquisa. Assim, no que tange aos critérios de inclusão, são eles: Artigos publicados no período de 2016 a 2022; Abordem diretamente a temática da violência LGBTIfóbica; que sejam disponíveis online e gratuitamente e em português publicados no Brasil. Já os critérios de exclusão escolhidos foram: artigos fora do período de publicação; que não abordem a temática da violência LGBTIfóbica; que estejam fora das áreas científicas da pesquisa, Serviço Social e/ou Saúde Coletiva; Idioma que não seja o português do Brasil; Restrito às publicações de periódicos acadêmicos e de acesso online.

A priori, 32 publicações foram selecionadas por se enquadrar no universo da pesquisa, no entanto, após leitura de resumo, introdução e conclusão e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram 5 publicações que foram lidas na íntegra e tomadas para o estudo de revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos primeiros esforços de filtragem e organização dos dados e com intuito de analisá-los com aprofundamento do estudo, foi criada a tabela abaixo, com os 32 artigos incluídos no processo da investigação, contendo as principais informações, tais como: autoria, área de formação, o periódico, a área da revista, sua avaliação no Qualis periódicos da CAPES, a base de dados online de onde foi

coletada, título e ano de publicação. Isto foi feito concomitante a leitura dinâmica do artigo, como resumo, introdução e conclusão.

Tabela 1: Quadro sinóptico geral de caracterização dos artigos selecionados entre 2016-2022

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|---|--|-----------------------|--|-------------------|--------|---------------|---|------|
| 1 | Hugo Fernandes | Enfermagem | Acta Paulista de Enfermagem | Ciências da Saúde | A4 | Lilacs | Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros | 2022 |
| 2 | Paloma Pegolo de Albuquerque; Daniel Alberto | Psicologia | Revista de Psicologia | Ciências Humanas | A4 | Lilacs | Relembrando os tempos de escola: A homofobia na perspectiva de estudantes universitários | 2022 |
| 3 | João Antonio Smania Gomes; Zeno Carlos Tesser Junior | Medicina Odontologia. | Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade | Ciências da Saúde | B2 | Lilacs | Experiências de médicos de família e comunidade no cuidado com a saúde de pacientes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais | 2022 |
| 4 | Maria Amanda Pereira Leite et al. | Enfermagem | Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental | Ciências da Saúde | B2 | Lilacs | Aspectos dos cuidados de enfermagem frente às minorias sexuais e de gênero: revisão da literatura | 2022 |
| 5 | Martha Helena Teixeira de Souza et al. | Enfermagem. | Caderno de Saúde Pública | Ciências da Saúde | A1 | Lilacs | Violência pós-morte contra travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. | 2021 |
| 6 | Rafael Lima Fernandes; Telma Low Silva Junqueira | Enfermagem Psicologia | Fractal | Ciências Humanas | A2 | Lilacs | Homens, gênero e violência contra as mulheres: reflexões sobre sentidos atribuídos às masculinidades | 2021 |

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|----|--|----------------|---------------------------------|-------------------|--------|---------------|--|------|
| 7 | Nayara Mendes Cruz | Enfermagem | Revista Baiana de Saúde Pública | Ciências da Saúde | B2 | Lilacs | Trajetórias atuais da gestão do SUS no enfrentamento à violência de gênero: uma revisão narrativa | 2021 |
| 8 | Benedito Medrado | Psicologia | Ciência & Saúde Coletiva | Ciências da Saúde | A1 | Lilacs | Homens e masculinidades e o novo coronavírus: compartilhando questões de gênero na primeira fase da pandemia | 2021 |
| 9 | Nizar Amin Shihadeh et al. | Serviço Social | Barbarói | Ciências Humanas | B1 | Lilacs | A (in)visibilidade do acolhimento no âmbito da saúde: em pauta as experiências de integrantes da comunidade LGBT- QIA+ | 2021 |
| 10 | Wallace Góes Mendes et al. | Saúde Pública | Ciência & Saúde Coletiva | Ciências da Saúde | A1 | SciELO | Revisão sistemática das características dos homicídios contra a população LGBT | 2021 |
| 11 | Isabella Vitral Pinto et al. | Saúde Pública | Revista Brasil. Epidemiol. | Ciências da Saúde | A3 | Lilacs | Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017 | 2020 |
| 12 | Nathalia Fattah; Milenne Souza de Lima | Psicologia | SMAD | Ciências da Saúde | B1 | Lilacs | Perfil epidemiológico das notificações de violência auto-provocada de 2010 a 2019 em um estado do sul do Brasil | 2020 |

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|----|---|-------------------------|---------------------------------|-------------------|--------|---------------|---|------|
| 13 | Erik Asley Ferreira Abade | Enfermagem | Physis | Ciências da Saúde | A3 | Lilacs | Saúde da população LGBT: uma análise dos agentes, dos objetos de interesse e das disputas de um espaço de produção científica emergente | 2020 |
| 14 | Wallace Góes Mendes et. al. | Saúde Pública | Ciência & Saúde Coletiva. | Ciências da Saúde | A1 | Lilacs | Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial | 2020 |
| 15 | Mériti Souza; Marcelo de Oliveira Prado | Psicologia | Polis e Psique | Ciências Humanas | B1 | Lilacs | Violências, mulheres transvestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações | 2019 |
| 16 | Bruno Souza Leal; Carlos Camargos Mendonça | Comunicação | RECIIS | Ciências da Saúde | A3 | Lilacs | Dilemas da visualidade jornalística das violências contra pessoas LGBTQ+ e contra mulheres heterossexuais no Brasil | 2019 |
| 17 | Sérgio Gomes da Silva; Alexandre Nabor França | Fisioterapia Psicologia | Psicologia: Ciência & Profissão | Ciências Humanas | A2 | Lilacs | Vidas precárias: a performatividade na constituição das violências fóbicas em gêneros e sexualidades | 2019 |
| 18 | Pedro Afonso Cortez | Psicologia | Physis | Ciências da Saúde | A3 | Lilacs | Sexismo, misoginia e LGBT- Qfobia: desafios para promover o trabalho inclusivo no Brasil | 2019 |

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|----|---|---------------------------------------|---------------------------------|----------------------------|--------|---------------|---|------|
| 19 | Cleyton Feitosa | Ciência Política. | Physis | Ciências da Saúde | B2 | Lilacs | Políticas públicas LGBT no Bra- sil: um estudo sobre o Centro Estadual de Combate à Homo- fobia de Pernambuco | 2019 |
| 20 | Luan Carpes Barros Cassal | Psicologia | Psicologia: Ciência e Profissão | Ciências Humanas | A2 | Lilacs | Enfrentamento à LGBTIfobia, afirmação ético-política e regu- lamentação profissional: 20 anos da Resolu- ção CFP nº 01/1999 | 2020 |
| 21 | Jaime Alonso Cara- vaca Moreira; Maria Itayra Padilha | Enfermagem | Texto & Contexto - Enfermagem | Ciências da Saúde | A2 | Lilacs | Necropolítica trans: diálogos sobre dispositivos de poder, morte e invisibilização na con- temporaneir- dade | 2018 |
| 22 | Marcos Vinicius do Amaral Apostolo | Psicologia | Psicologia USP | Ciências Humanas | A2 | Lilacs | Discursos e posi- cionamentos em um encontro de diálogo so- bre violência a LGBTs | 2017 |
| 23 | Manoel Rufino David de Oliveira; Joyce Leonardo Pon- tes | Direito | Diálogo | Ciências Sociais Aplicadas | B2 | Capes | “Minha própria vivência é minha militância”: aná- lise da violência sofrida por mili- tantes LGBT em Belém do Pará | 2021 |
| 24 | Rodrigo Otávio Mo- retti-Pires; Marcelo Vieira; Mirelle Finkler | Saúde Coletiva Engenharia Odontologia | Saúde e Sociedade | Ciências da Saúde | A3 | Capes | Violência simbólica na experi- ência de estudantes uni- versitá- rios LGBT | 2022 |
| 25 | Ozéas da Silva Lopes Júnior | Psicologia | Horizonte | Ciências Humanas | A1 | Capes | Violência e construção da cida- dania da comunidade LGBT no Brasil: aspectos históricos e re- ligiosos | 2017 |

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|----|---|----------------|--|--|--------|---------------|---|------|
| 26 | Mônica De Melo Me-deiros; Francisco dos Santos Neto | Serviço Social | Cadernos de Gênero e Diversidade | Interdisciplinar de Gênero e Sexualidade | A3 | Capes | Serviço Social e Movimento LGBT: promoção à cidadania de crianças e adolescentes no combate à violência de gênero nas escolas | 2017 |
| 27 | Valdenízia Bento Peixoto | Serviço Social | Periódicos | Interdisciplinar de Gênero e Sexualidade | A3 | Capes | Violência contra LGBTs no Brasil: premissas históricas da violência no Brasil | 2018 |
| 28 | Claudio Oliveira de Carvalho; Gilson Santiago Macedo Júnior | Direito | Revista de Direitos e Garantias Fundamentais | Ciências Sociais Aplicadas | A1 | Capes | 'Ainda vão me matar numa rua': direito à cidade, violência contra LGBTs e heterocisnormatividade na cidade-armário | 2019 |
| 29 | Vitor Grunvald | Antropologia | Ponto Urbe | Ciências Humanas | A2 | Capes | Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo | 2021 |
| 30 | Ana Márcia Ruas de Aquino; Hugo Mari | Letras | Fólio | Linguística, Letras e Artes | B3 | Capes | O corpo LGBT patologizado: fraturas e degradações do lugar do ser em um cenário de violências | 2018 |
| 31 | Márcio de Oliveira et al. | Educação | Educação | Ciências Humanas | A2 | Capes | "Gritos, tiros, sangue e muito medo" - violência contra as pessoas LGBTQIA e o processo educativo | 2021 |
| 32 | Isadora Lins França | Antropologia | Cadernos Pagu | Interdisciplinar de Gênero e Sexualidade | A1 | Capes | "Refugiados LGBTI": direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência | 2017 |

Fonte: Elaboração dos autores

De uma forma geral, observa-se que há uma concentração de artigos publicados no ano de 2022. Quanto às áreas dos periódicos, há uma tendência de maior concentração para o campo da Saúde Coletiva e das Ciências Humanas, como também se registra que em sua maioria está no estrato A da última avaliação do Qualis Periódicos da CAPES (2017-2020). Assim, tomando a tabela acima, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão sobre os 32 artigos selecionados, restando 5 artigos que foram lidos na íntegra tomando anotações sobre as temáticas de intersecção entre os artigos, nos quais respondiam alguns dos problemas de pesquisa.

Tabela 2: Quadro sinóptico dos artigos analisados entre 2016-2022

| N | Autoria | Formação | Periódico | Área da Revista | Qualis | Base de Dados | Título do Artigo | Ano |
|---|---|----------------|----------------------------|-------------------|--------|---------------|--|------|
| 1 | Isabella Vitral Pinto et. al. | Saúde Pública | Revista Brasil. Epidemiol. | Ciências da Saúde | A3 | Lilacs | Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bis-ssexuais, transvestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017 | 2020 |
| 2 | Wallace Góes Mendes et. al. | Saúde Pública | Ciência & Saúde Coletiva. | Ciências da Saúde | A1 | Lilacs | Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transvestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial | 2020 |
| 3 | Martha Helena Teixeira de Souza et. al. | Enfermagem. | Caderno de Saúde Pública | Ciências da Saúde | A1 | Lilacs | Violência pós-morte contra transvestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil | 2021 |
| 4 | Wallace Góes Mendes et. al. | Saúde Pública | Ciência & Saúde Coletiva | Ciências da Saúde | A1 | SciELO | Revisão sistemática das características dos homicídios contra a população LGBT | 2021 |
| 5 | Rodrigo Otávio Moretti-Pires et. al. | Saúde Coletiva | Saúde e Sociedade | Ciências da Saúde | A3 | Capes | Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT | 2022 |

Fonte: Elaboração dos autores

Dos cinco artigos selecionados para análise, em sua totalidade pertence à área das Ciências da Saúde, em particular, ao campo da Saúde Coletiva, sendo, em sua maioria, da base de dados Lilacs, exceto dois, respectivamente, um do Portal de Periódicos da Capes e o outro da Scielo. Três dos artigos pertencem ao estrato A1 da avaliação da CA-PES e dois ao estrato A3. Em se tratando de ano de publicação, neste aspecto não há uniformidade, dois são de 2020, dois em 2021 e um em 2022. Contudo, continuamos com o período das publicações em um contexto de acirramento das violências LGBTIfóbicas no território nacional.

Tematizando sobre as violências LGBTIfóbicas e suas consequências

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil “é o país com a maior quantidade de registros de crimes letais contra LGBT do mundo, seguido pelo México e Estados Unidos” (GGB, 2018, apud MENDES; SILVA, 2020, p. 1710). Mas, para além da letalidade, a violência contra LGBTI+ acomete a sociedade brasileira de inúmeras ou-tras maneiras. A leitura social da violência é adversa assim como sua decorrência, podendo esse fenômeno se manifestar de diferentes formas de acordo com o contexto em que se insere. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2002, n/p.). Podendo manifestar-se através da violência física, psicológica, moral, sexual, financeira dentre outros.

Assim, nos artigos analisados, as maneiras com que a violência LGBTIfóbica se expressa é diferente de acordo com a realidade social no qual o sujeito está inserido. Em relação às violências que afetam a subjetividade (morais e psicológicas) Moretti-Pires et al. (2022, p. 8) afirmam o lócus de homofobia é representado, sobretudo, pela família, que é também quem coloca LGBTI+ em dilema “frente ao desejo de se assumirem e de manter relações com os familiares que os excluem”. Analogamente, é também dentro do contexto familiar onde se agravam as violências físicas

Segundo Pinto (2020, p. 8) “os familiares foram os autores mais frequentes de violências notificadas em adolescentes de 10 a 14 anos (29,4%) e em idosos (38,5%). Entre adolescentes de 15 a 19 anos, destacam-se os agressores de relação intrafamiliar (29,8%, considerando-se familiares e parceiros íntimos) e desconhecidos (19,5%). Nos adultos, foram mais frequentes as violências perpetradas por parceiros íntimos (32,5%)”.

Dentro e fora da família existe uma constância na violência psicológico/moral praticada contra pessoas LGBTI+, já que essa também acomete LGBTI+ nas relações amorosas, no trabalho, na rua, e em qualquer ambiente de convívio social que essa população se insira. Moretti-Pires et al. (2022) ressaltam a repetição constante da subestimação das identidades LGBT, como brincadeiras contínuas, palavras depreciativas e um conjunto de restrições e situações embaraçosas.

Em se tratando, mais especificamente, das populações trans e travestis, suas trajetórias são permeadas por violências que se iniciam em casa, ainda quando jovens, na medida em que os familiares não aceitam a transição como as transformações corporais. A violência continua nas escolas, por não se conformarem aos preceitos dicotômicos de gênero, e persistem nos serviços de saúde, no mercado formal de trabalho e assim por diante (SOUZA et al. 2021). Registra-se que estes sujeitos tem seus corpos e gêneros desrespeitados pela família e poder público mesmo depois de morrerem (SOUZA et al., 2018).

Em poucas coisas o Brasil é tão plural e democrático quanto aos perfis de violência contra LGBTI+, tomando todas as idades, cores e classes sociais acometidas, afetando desde as fases iniciais, ainda quando a criança está na escola se descobrindo, até no pós morte como já foi citado no caso das travestis. Segundo Pinto et al. (2020, p. 5), “do total de notificações de violência contra pessoas LGBT analisadas, 69,1% das pessoas atendidas eram adultos e 24,4% adolescentes. Predominou a raça/cor negra em todas as faixas etárias, chegando a 57% entre adolescentes de 10 a 14 anos. A presença de deficiência ou transtorno foi maior entre os idosos (13,7%)”.

Quanto ao perfil da LGBTIfobia assassina, destacam Mendes e Silva (2020) e Mendes et al (2021), que em sua maioria se dá em vias públicas e na residências das vítimas. As armas brancas são as mais usadas entre gays e as de fogo com travestis. Res-salta-se também registros de espancamentos, asfixia e outros tipos de crueldades. Segundo os autores, nos dois estudos, o gênero masculino é predominante, a juventude negra é o público-alvo desta ação. Cabe reforçar, segundo Pinto et al. (2020), que a residência é o local privilegiado das ações de violências, seguido das vias públicas. “No caso dos adolescentes de 10 a 14 anos, destaca-se a escola como terceiro local mais importante (6,1%)” (PINTO et al. 2020, p. .5).

Como toda ação gera uma reação, os efeitos causados pela violência permeiam e transpassam a vida de LGBTI+ ao longo da vida. Impondo mecanismos que naturalizam representações ou ideias dominantes, como a “aceitação” de regras e sanções para trans-gressões, e que dificultam a análise das práticas linguísticas, das regras jurídicas ou morais (MORETTI-PIRES et. al. 2022, p. 5). Os resultados das violências tanto físicas quanto verbais atravessam a vida de

LGBTI+ de maneira a circundar sua existência não apenas através da dor (física e/ou psíquica), mas também através do trauma que afeta toda suas relações interpessoais e sua relação consigo mesmo. Contudo, quando essa violência está atrelada ao âmbito familiar, os resultados das dores podem ser ainda maiores, visto que existe uma confusão entre o laço de afeto que deveria ser estabelecido pela família de maneira a criar um ambiente seguro, mas que na verdade é o local onde a individualidade é violada. Nesse sentido, a fuga do contexto familiar aparece como saída comum para a manutenção da saúde mental e física das pessoas LGBT (PINTO et al. 2020). Por isso, independente da região afetada por atos violentos, considera-se o corpo como a marca do indivíduo, a fronteira e o limite que o distingue dos outros. O corpo pode ser visto como o território primeiro do sujeito, a partir do qual ele constrói suas relações com o mundo, assim, urge a necessidade e o apelo de respeito ao corpo físico e contra danos mentais causados pelas violência LGBTifóbicas.

Uma questão que se coloca em comum entre os artigos é a maneira com que as violências LGBTifóbicas são naturalizadas e cristalizadas nas relações coletivas do tecido social brasileiro. Assim sendo, fica claro em diversas passagens a maneira com que esse fenômeno se instaura e se institucionaliza não apenas nas famílias e nas instituições sociais, mas também através do poder público e em todos os seus ramos e contextos.

A cada ano o quantitativo de homicídios tem crescido no país pela ausência de políticas públicas de combate a esta violência. O Supremo Tribunal Federal (STF) equi-parou a homotransfobia ao crime de racismo, devido à sua complexidade. Contudo, “só está ação não resolverá esse problema de saúde pública, mas constitui um passo importante no sentido de dar visibilidade à questão da homofobia” (MENDES; SILVA, 2020, p. 1719)

Moretti-Pires et al. (2022) ressaltam, ainda, como em instituições de socialização secundária, as instituições de educação reproduzem a violência LGBTifóbica institucional, gerando mal-estar em LGBTI+, particularmente, pela imposição da heteronormatividade nas relações socioinstitucionais. Segundo os autores, há um pacto de silêncio em relação à diversidade sexual no ambiente universitário (e ou de trabalho) que foi interpretado como uma manifestação de violência simbólica.

A escola, segundo Pinto et al. (2020), que deveria ser o espaço de segurança e acolhimento, vem se mostrando como cenário de violência para LGBTI+, com práticas discriminatórias e de bullying, reforçando a exclusão social de estudantes. Dessa maneira, o contato com as violências LGBTifóbicas, perpassam toda a vida de sujeitos LGBTI+, da infância ao pós-morte. De fato, a LGBTifobia é um

problema endêmico e sistêmico, pois está na família, na escola, na universidade, nas relações de trabalho, na rua e em qualquer outro espaço de convivência social de LGBTI+. Mendes e Silva (2020) e Men-des et al (2021) tratam de como estas violências extrapolam ao seu grau máximo (homi-cídios), independentemente de haver homotransfobia ou não, ela passa a se tratar de um problema de saúde pública e de violação sistemática dos direitos humanos.

A institucionalização da violência atinge, ainda, setores como justiça, segurança pública e saúde, desde os atendimentos não adequados até a truculência e maus tratos por autoridades (SOUZA et al. 2021). Emerge, assim, o fenômeno da revitimização, de um lado, expressão da institucionalização da violência LGBTI-fóbica, modus operandi do ra-cismo de Estado, caracterizada pela negação das identidades das vítimas, investigações inadequadas dos crimes e impunidade dos agressores. Como pela subnotificação, por ou-tro lado. Além de que tudo isto é agravado pela ausência de políticas públicas que assegurem os direitos de LGBTI+, mas, principalmente, de pessoas trans e travestis, incluindo acesso à saúde, educação, trabalho e emprego.

De fato, outro elemento comum entre os artigos, é a necessidade de uma maior atenção do poder público e de políticas públicas para, se não sanar, amenizar o problema da violência LGBTIfóbica. No entanto, a falta de estudos e pesquisas, como de dados oficiais sobre essa população, é um enorme problema que causa problemas em cadeia. As consequências da omissão do Estado são desastrosas, nos últimos anos tem havido um crescimento vertiginoso do número de homicídios no país pela ausência de políticas pú-blicas no sentido de combater essa violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade e a gravidade da violência LGBTI+ delineada acima ressalta a urgente necessidade de um compromisso mais amplo e abrangente com a pesquisa e as políticas públicas. A violência dirigida a LGBTI+ é uma triste realidade que persiste, exigindo ação imediata e eficaz.

A condução de pesquisas aprofundadas é crucial não apenas para entender as raízes e os impactos dessa violência, mas também para informar a criação de políticas públicas bem fundamentadas. A formulação e implementação de políticas específicas e bem dirigidas e direcionadas são passos essenciais para oferecer proteção, cidadania e recursos adequados à população LGBTI+, garantindo seus direitos, como segurança.

Além disso, é vital incorporar a diversidade e o respeito à população LGBTI+ também nos outros espaços, como educação, saúde, assistência social, trabalho

etc. Portanto, o Estado tem a responsabilidade de construir políticas públicas para população LGBTI+, visando não apenas reduzir a violência, mas também proporcionar oportunidades com equidade. A implementação eficaz requer financiamento e monitoramento, com a intenção de criar um cenário onde LGBTI+ tenham seus direitos de cidadania garantidos em um Estado Democrático de Direito, em confronto com sua política de morte.

REFERÊNCIAS

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. DE C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1709-1722, 2020.

MENDES, W. G. et al. Revisão sistemática das características dos homicídios contra a população LGBT. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 11, p. 5615-5628, 2021.

MORETTI-PIRES, R. O. et al. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 4, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS, 2002.

PINTO, I. V. et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 23, supl. n. 1, p. e200006, 2020.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einsten**, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 102-106, 2010.

SOUZA, M. H. T. et al. Violência pós-morte contra travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. e00141320, 2021.